

“71 anos foram muito poucos pra minha vontade de comunicar” – Entrevista com Pedro Ernesto Stilpen, o Stil

71 years have been too little a time for my will to communicate – an interview with Pedro Ernesto Stilpen, “Stil”

Carlos Eugênio Baptista (Patati)¹, Gabriel Filipe Santiago Cruz² , Luiz Felipe Vasques³ 

O ano era 2014, no dia 25 de junho. Stil nos recebia em sua antiga casa, na Rua Real Grandeza, Botafogo, Rio de Janeiro. A proposta era realizar uma entrevista com o objetivo de produzir um documentário animado sobre sua carreira.

Pedro Ernesto Stilpen, o Stil (Figura 1), é uma grande referência quando se fala em animação brasileira. Foi um dos fundadores do Grupo Fotograma, de 1968, no Rio de Janeiro, que realizara diversas iniciativas de divulgação da animação com mostras de filmes e até mesmo um programa especializado em cinema de animação para a extinta TV Continental. Após a extinção do grupo, em 1969, formou posteriormente o Grupo NOS ao lado de Rubens Siqueira e Antônio Moreno. Nas décadas seguintes,



Figura 1 - Pedro Ernesto Stilpen, o Stil. Imagem capturada do Filme Luz, Anima Ação de Eduardo Calvet.

¹Universidade Federal Fluminense, Departamento de Cinema e Vídeo – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail prof.gabrielcruz@gmail.com; gabrielfilipecruz@id.uff.br

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas, Escola de Comunicação – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail lfvasques@gmail.com

³Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes – Ilhéus (BA), Brasil.

Recebido em: 03/10/2023. Aceito em: 03/10/2023.

além de inúmeros curtas-metragens como *Batuque*, *ABÇ* e *O que é que há com seu Peru*, Stil trabalhou com animação para vários programas na TV como *Armação ilimitada*, *Satiricon*, *Domingão do Faustão*, entre outros. Um de seus últimos trabalhos foi o longa-metragem *As Aventuras do Pequeno Colombo*, que teve sua *première* no Festival Anima Mundo em 2015, no qual foi homenageado e ovacionado por todos. Stil infelizmente veio a falecer exatamente 3 anos após essa entrevista gentilmente cedida a nós, no dia 25 de junho de 2017.

A entrevista foi previamente estruturada pelos pesquisadores Gabriel Filipe Santiago Cruz e Luis Felipe Vasques. Porém, no dia de sua realização, foi vislumbrada a possibilidade de levar conosco Carlos Eugênio Baptista (Figura 2), o Patati, grande referência no meio dos quadrinhos nacionais.

Por isso, além da entrevista, a ocasião também permitiu uma grande troca entre Stil e Patati. Era a primeira vez que eles se encontravam. Stil fez questão de mostrar algumas artes originais de projetos de quadrinhos que ele fizera em parceria com Arturo Uranga¹, como Zeca Tatu (Figura 3).



Figura 2 - Carlos Eugenio Baptista, o Patati

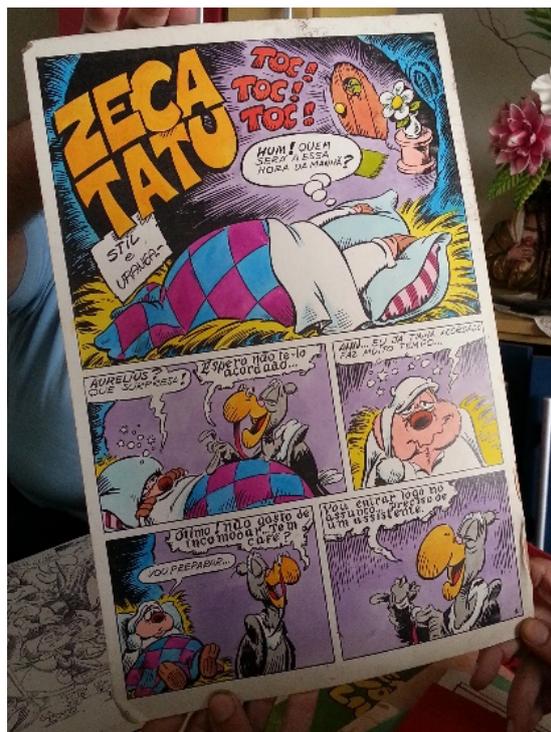


Figura 3 - Arte de Zeca Tatu. Personagem de Quadrinhos Criados por Stil e Uranga.

O projeto do documentário ainda segue em busca de apoio e patrocínio, porém, após ouvir novamente e reler a transcrição daqueles dias, achamos importante publicar textualmente o conteúdo daquela entrevista, uma das últimas de Stil

1 Arturo Uranga (1936–1985): nascido na Argentina. Artista plástico e designer, cenógrafo, diretor teatral e cinematográfico, diretor de arte e desenhista de produção, realizador de filmes de animação e perito em Efeitos Visuais.

falando de si, de sua luta e de seu legado, que mostram claramente a verdade de sua fala depois de quase uma década: “71 anos foram muito pouco” para o desejo e a vontade que esse grande artista tinha de se comunicar e expressar.

LFV: Stil, quais são as suas influências artísticas?

STIL: A primeira influência que eu nasci sob, é da Disney. Mas, conforme eu fui pesquisando, entendendo, aí começaram a aparecer as influências europeias, especialmente da Tchecoslováquia — a antiga Tchecoslováquia —, da Polônia, alguns artistas russos, franceses... em suma, eu sou uma mistura de influências de todo o lado. Inclusive brasileiras, também, eu era um colecionador de livros do Monteiro Lobato.

LFV: Falando em Monteiro Lobato, pode falar um pouco mais sobre as referências literárias?

STIL: Eu sou uma pessoa apaixonada! Muito apaixonada! Também tenho a mania de colecionar. Então, me apaixonei por Monteiro Lobato, por exemplo. E comecei a comprar tudo dele, ler tudo do Monteiro Lobato, inclusive as cartas do Monteiro Lobato, não só a literatura infantil, como a literatura para adultos, como *Negrinha*², por exemplo. Aí depois descobri Machado de Assis, li tudo de Machado de Assis. Então podemos dizer que eu sou um apaixonado, desesperado pelas coisas do Brasil. Adoro o Brasil. Desde a chegada dos primeiros índios até a colonização. Porque eu sou também isso, eu sou uma mistura de alemães, italianos e portugueses chegando aqui e exatamente se deslumbrando com a força desse país, com a cor desse país, com a inteligência desse país, com a potência desse país. Também tive autores estrangeiros, também, eu li bastante: Andersen, Grimm, etc. foram influenciadores para as coisas que eu escrevi. Aliás, tudo é assim.

PATATI: Você é um contador de histórias através de imagens. De onde surgiu essa vontade? Quais são as histórias que mais te deram vontade de contar? Sabemos que é uma trabalhadora danada fazer um desenho animado. Qual é a ideia que te mobilizou a dizer “eu vou ralar, vou fazer este filme”?

STIL: A primeira vez que eu me sentei para fazer um desenho animado, uma animação, foi por causa da música, que também sou apaixonado. Eu faço composições, sou parceiro do Edmundo Souto³. Então eu achei que as pessoas precisavam ouvir *Batuque*, de Lourenço Fernandes⁴, e conhecer mais a dança brasileira⁵, em suma, a minha primeira vontade de fazer desenho animado foi para levar, divulgar para o grande público, as coisas que o Brasil tinha em matéria de música. Aí depois eu comecei a querer contar as minhas próprias histórias. E comecei a criar meus personagens: Antunes e Bandeira, que transformei em quatro curtas-metragens; *Zeca Tatu*⁶, que eu coloquei nos jornais (Figura 4); o *Pinto*, que o Zivaldo publicava... em outras palavras, comecei eu mesmo a ser uma fonte de ideias e de produção literária.

2 *Negrinha* (1920), romance de Monteiro Lobato.

3 Edmundo Rosa Souto: compositor, violonista e arquiteto brasileiro.

4 Oscar Lorenzo Fernández (1897-1948): compositor brasileiro.

5 *Dança Brasileira*, de Camargo Guarnieri (1907-1993), compositor e regente brasileiro. Em 1974, serviu como base para o curta *Reflexos*, por Stil e Antônio Moreno.

6 *Zeca Tatu*, de Pedro Ernesto Stilpen (escritor) e Arturo Uranga (desenho). Publicado em tirinhas em jornais como *O Globo* (RJ) e *Zero Hora* (MG), nos anos 1980.

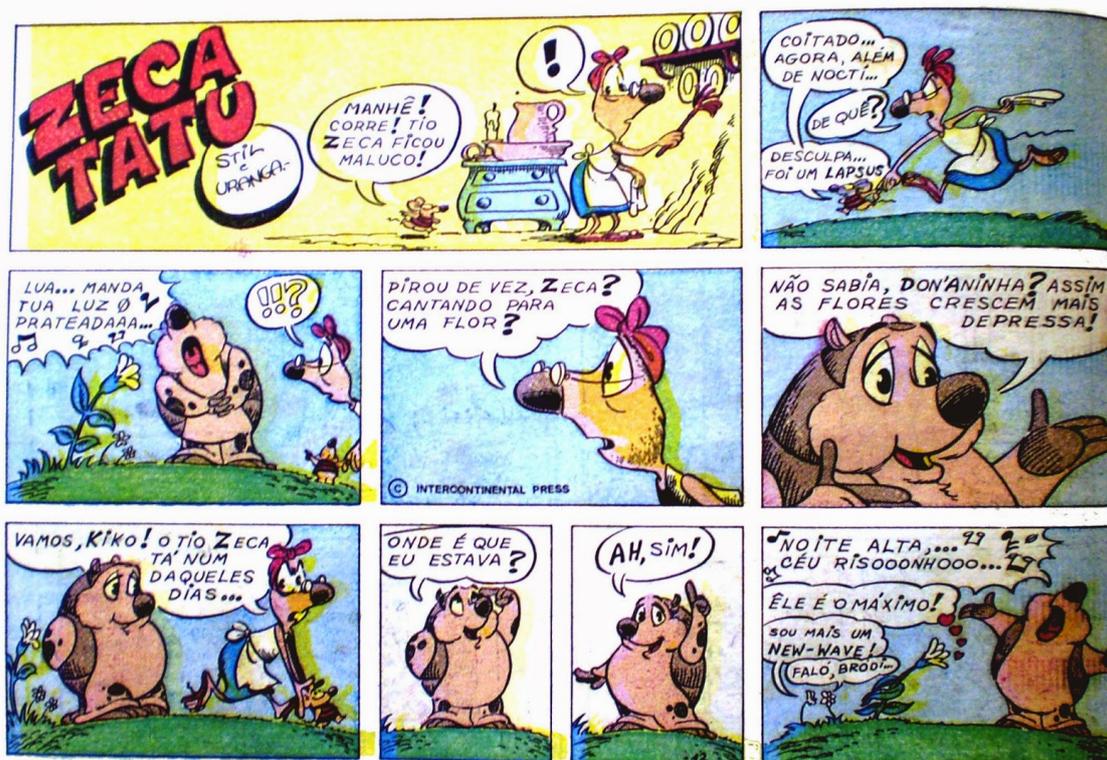


Figura 4 - Zeca Tatu – tira de quadrinhos de Stil e Uranga Publicada no suplemento semanal do Jornal o Globo

LFV: Mas o que é que é animar para você? O ato, a técnica o que é, para você, animar?

STIL: Em tese, animar é exatamente isso: é dar vida. Dar vida a uma ideia, dar vida a um sentimento. Os meus filmes eram muito malcomportados: No *Batuque*⁷, por exemplo, o que é que eu fazia? Eu dava vida a imagens que não se comportavam direito, isto é, não se conformavam em ficar estáticas na tela. Então, eram antropofágicas, mesmo: umas engoliam as outras, umas se transformavam nas outras. Aliás a vida é assim.

LFV: Como você planejou seus filmes dos anos 1970? Quem mais que fazia esse tipo de animação?

STIL: Eu não, eu não me lembro de ter visto alguma coisa do jeito que eu fazia. Digamos que eu animava “*mediunicamente*”, vamos dizer assim. Eu me sentava para fazer a animação e não sabia, eu não tinha nada programado. Eu sabia que aquela música ia me inspirar para determinado modelo de coisas, determinado grupo de pensamentos. Mas na hora que eu me sentava na mesa de animação, eu não tinha a menor ideia do que é que ia sair.

LFV: Animava diretamente? Não usava quadros-chave, ou alguma coisa nesse sentido?

STIL: Sim, eu usava alguns quadros-chave, mas também esses quadros-chave eram feitos na hora em que eu ia animar.

PATATI: Como é que isso se comunicava com o problema do orçamento? Tinha orçamento? Prazo? Como é que os caras lidavam com isso?

7 *Batuque* (1968).

STIL: Orçamento: aí é que entra o lado negro do Stil. O lado que o Stil não aprendeu. Então, fui animando *O Batuque* e ia guardando os desenhos da animação em um saco de plástico até que, um dia, o Luiz Fernando da Graça Melo⁸ disse: “Vamos filmar isso”. Então ele foi, patrocinou e filmou. E o filme foi distribuído, acho que, se não me engano, na ocasião, passou em todas as telas do país.

LFV: E essa sua “animação de guerrilha”, da canetinha e papel de padaria? O material de desenho. Como foi?

STIL: Era o material de desenho era o que eu podia comprar. Então era papel de embrulho, que eu recortava e depois furava eu não tinha nem o padrão...

LFV: ACME?

STIL: Isso não tinha a furadeira ACME, era furadeira comum mesmo.

LFV: Aquelas de escritório⁹.

STIL: Isso. E aí eu colocava dois pinos e filmava aquilo. Sem medo de sair do registro, nada disso. Medo é uma coisa que eu nunca tive, não tenho medo, não. Tenho é muita esperança.

LFV: Você começou sua carreira profissional como arquiteto. Quando foi que a Arquitetura deu lugar à animação na sua história?

STIL: Quando eu estava no Colégio Brasil-América foram, foi dividida as matérias em 4 grupos: era a Medicina, Engenharia, Arquitetura e a turma do X. E o que era a “turma do X”? Era a turma que queria só o diploma. Não era o meu caso, porque eu estava estudando com um objetivo. Como eu não sabia fazer um curativo em um corte, eu não podia ser médico. Como eu não tinha estrutura mental para fazer uma estrutura de metal ou concreto, eu não podia ser engenheiro. Então me restava a arte da Arquitetura. Eu amava demais as formas, eu me admirava com o que Oscar Niemeyer tinha acabado de fazer com a Arquitetura Brasileira, me inteirei sobre esse assunto e tudo bem. Terminei me formando em Arquitetura e Urbanismo. Ah! Urbanismo para mim são as árvores que eu plantei aqui em Botafogo, está cheio de filhotes. Filhotes do Stil pelas esquinas. Antes de eu me mudar ainda vou plantar, tem um espaçozinho ali na Real Grandeza¹⁰, vou plantar uma arvorezinha que eu hei de comprar, em agradecimento ao bairro de Botafogo.

LFV: E quando você largou a Arquitetura para pegar a animação? Quando é que você, do traço arquitetônico, passou para o traço animado?

STIL: Na verdade, o que aconteceu foi que em sendo arquiteto, eu era do Departamento de Estradas e Rodagens. Eu posso contar mesmo a minha história aqui?

LFV: Pode, pode! A ideia é essa, fala.

STIL: É, porque de repente...

LFV: Pode, fala!

GC: Se for necessário, editamos depois.

⁸ Produtor de cinema.

⁹ Stil se refere a furador de escritório, substituto comum, se não há um registro ACME profissional à mão, para manter as folhas nas quais se anima o desenho em uma mesma posição.

¹⁰ Rua Real Grandeza, em Botafogo, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, onde o entrevistado viveu antes de se mudar.

STIL: Bem, vou contar para vocês. Que fique gravado então! Eu era de um grupo chamado Fotograma¹¹, um grupo considerado subversivo. Ok? Então, eu era arquiteto do DER, já estava fazendo planta etc., no setor de Urbanismo do Departamento de Estradas e Rodagem. Então eu fui chamado para o escritório do meu superior que era um militar, o Doutor Oto. Na sala tinha um segurança do lado, e eu fui demitido... Entenderam? Por razão nenhuma, eu estava fazendo meu trabalho direitinho. E essa pessoa, esse anjo, me deu a oportunidade, me empurrou para a oportunidade de fazer cinema, que era o que eu queria fazer. Fiquei sem emprego, sem meu dinheiro fixo, e tudo o mais, mas no caminho em que eu devo ter escolhido antes de eu nascer. Eu não tenho raiva dele. De quem me demitiu não! Eu até agradeço demais.

LFV: Como era o Grupo NOS?

STIL: O Grupo Fotograma tinha pessoas de várias áreas. E o NOS foi um grupo que decidiu fazer desenho animado, dentro do Grupo Fotograma. Era um grupo de animação dentro do Grupo Fotograma, pois no Fotograma também tinha pessoas que não faziam animações. Como era o caso do Sydney¹². Mas outros, como o Zé Rubens Siqueira¹³, fazia animação, e aí nasceu o Grupo NOS que fez pouca coisa, e se dissolveu rapidinho.

LFV: Chegaram a fazer curtas?

STIL: Sim, claro. Se eu não me engano, *Super-Tiçã*¹⁴ (Figura 5).



Figura 5 - Super Tiçã – Personagem de Stil em “Faz mal 2 – Apresentando Super-Tiçã” de 1984. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6NcWtpawXO8>. Acesso em: 08 out. 2023.

11 Grupo de cineastas, animadores e fãs de animação em geral, que durou entre 1968 e 1969.

12 Sydney Solis: cineasta.

13 José Rubens Siqueira: autor, tradutor, diretor teatral, cenógrafo e figurinista.

14 *Super-Tiçã* (1986): vencedor do Festival do Filme Infantil de Brasília, com votação das crianças, e do Prêmio São Saruê, dos cineclubes brasileiros.

LFV: Ah, o *Super-Tição* é do Fotograma? Do Grupo NOS?

STIL: Eu acho que sim. Os filmes do Zé Rubens, que era um maravilhoso ilustrador, também tinham os filmes do Antônio Moreno...¹⁵

LFV: E o Experiência 68?

STIL: O Experiência 68 era um programa sobre desenho animado que nós colocamos na TV. Era produzido na TV Continental¹⁶, em Laranjeiras (Rio de Janeiro). Nós também fazíamos coisas malucas, como colocar o *Chico Batarde*, que falava “*ba’ tarde*” (com sotaque caipira), lá em cima, em *contra-plongée*, em vez de assim de frente¹⁷. O que importava mesmo eram os desenhos animados que eram apresentados. Um belo dia nós chegamos lá para fazer o programa e a TV tinha sido fechada. Assim, simples assim.

LFV: Quanto tempo durou o programa?

STIL: 68. Só 68. Mesmo por que Experiência 69 é pornográfica. (risos)

LFV: Como era a estrutura do Experiência 68? Meia hora, uma hora...?

STIL: Era um programa de meia hora, que tinha 4 moças apresentando e falando sobre festivais e de um material que era emprestado da Cinemateca do MAM que estávamos colocando pela primeira vez em TV.

LFV: E de onde vinha esse material?

STIL: Muita coisa europeia! E material dos Estados Unidos como *Gato Félix*, os primeiros filmes do *Mickey*, *Betty Boop* etc.

GC: Qual era a periodicidade do programa?

STIL: Era semanal. Ao vivo.

LFV: Stil, você já teve oportunidade de contar sua vida, sua carreira em diversos lugares, eventos e até mesmo documentários. O que você acha que falta falar?

STIL: Que é que falta falar? Que é o curta-metragem! Com o perdão do trocadilho, eu acho que a vida é curta. A vida é curta para tanta coisa que a gente tem de fazer. É curta para tanta coisa que a gente tem acumulado na vida. O Stil dos quadinhos, da música, das peças, dos curtas e longas-metragens não tá nem começando! Mesmo as coisas que tenho guardadas, e que podem virar peças de arte, também são muito poucos em relação às coisas que eu posso me sentar e começar a escrever. Infelizmente 71 foram muito poucos anos para minha vontade de comunicar as coisas que eu tenho para dizer. E mesmo as coisas que eu disse em 1968 são diferentes das coisas que eu diria agora. Porque também eu sou um ser em mutação.

PATATI: O que é que você diria para alguém que está querendo começar a desenhar, que está querendo começar a se dedicar? Afinal de contas, isso é um chamado, né? Eu diria de maneira cruel, uma cachaça.

STIL: É. É uma inspiração divina.

PATATI: É uma inspiração divina. Isso!

15 Antônio Moreno: animador e acadêmico, autor de um dos poucos livros sobre história da animação brasileira: *A experiência brasileira no cinema de animação* (1978).

16 Extinto canal de TV carioca (canal 9), entre 1959 e 1972.

17 Stil se refere à inventividade do grupo, que resultou, no exemplo, em se filmar o programa de um ponto alto, em vez de enquadramentos convencionais no nível do chão. Há que se levar em conta a dificuldade natural para o feito, com a tecnologia de 1968.

STIL: Para quem está começando, o meu conselho é: comece! Que depois as coisas se encaixam.

GC: Stil, eu vou fazer mais uma pergunta. Em 1978 você lançou o livro *Máquinas mágicas do desenho animado*¹⁸. Nele, você focou um público jovem, mais novo, enfim. Você acha que animação é uma experiência que tem tudo a ver com Educação?

STIL: Mas certamente sim! Animação é um dos caminhos dos 300 milhões de ramos da cultura, e animação poderia sim ser ensinada, para quem tivesse vontade de fazer. Não é para todo mundo. É para quem tiver vontade de fazer. Do mesmo jeito que todo mundo canta, mas algumas pessoas se dedicam à música de verdade, profissionalmente. Então animação poderia ser ensinada para quem tivesse vontade. Nos colégios mesmo, inclusive colégios públicos. Essa é a minha última luta, fazer com que a cultura seja uma matéria desde o primeiro ano primário até o final do curso primário. Porque aí a pessoa já tem capacidade de escolher o seu destino. E cultura não é só Arte. Arte é apenas um elemento para que a cultura seja divulgada, para que a cultura se dissemine. A cultura está antes da animação, está antes da Saúde, está antes da Economia, está antes de tudo; a cultura é o que faz que o brasileiro tenha a brasilidade, por exemplo. Que o brasileiro entenda quem foi Monteiro Lobato e goste ou não de Monteiro Lobato. Entenda quem é Caetano Veloso e goste ou não de Caetano Veloso. Mas é necessário que esses artistas todos sejam apresentados para as crianças para que primeiro saibam quem são, e que o samba não acabe sendo sufocado por outras manifestações artísticas como funk ou o rap.

PATATI: Uma tentativa: você falou do samba, do rap e do funk, você não acha que faltam coisas que falem dessas manifestações culturais de origem brasileira?

STIL: Eu acho que, para os adultos, para os adultos, a oportunidade se perdeu. Eu só tenho confiança nas crianças.

GC: Você tem uma carreira reconhecida como animador autoral: seus curtas, seu trabalho independente, e você também teve a sua etapa trabalhando na Globo, trabalhando dentro mesmo no mercado, como animador...

STIL: Animador e criador, também.

GC: Existe uma diferença entre esse autor criador e o animador corporativo, vamos dizer assim?

STIL: Eu posso dar meu elogio à Rede Globo? Porque eu trabalhei sob as ordens do fantástico ser chamado Augusto César Vanucci¹⁹. Ele, para alguns, era um tirano, para outros era um pai. Para mim ele foi um pai. Assim como foi Borjalo²⁰ e o Talma²¹. Eu tive sorte. De ter pessoas que me ouviam. Eu chegava lá e dizia assim: “Talma, eu tenho uma ideia”. Ele mandava todo mundo sair da sala para ouvir minha ideia! Quando é que eu vou ter isso de novo, meu Deus? A Globo, para mim,

18 *Máquinas Mágicas do Desenho Animado*: livro de Stil (1981) sobre como montar brinquedos ópticos, no estilo recorte, dobre e cole. Publicado pela extinta Editora Bloch.

19 Augusto César Vanucci (1934-1992): ator de cinema, diretor e produtor de TV, havendo trabalhado na Rede Globo de Televisão.

20 Mauro Borja Lopes (1925-2004): apelidado de Borjalo, foi um cartunista. Trabalhou como assistente de produção na Rede Globo de Televisão.

21 Roberto Talma (1949-2015): foi produtor cinematográfico e diretor de televisão.

foi um paraíso. Me pagavam bem, pagavam em dia, e as coisas que eu sugeria eram feitas, as coisas que eu desenhava iam pro ar. E cada momento nas reuniões oficiais, nas reuniões de criação, todo mundo podia dar pitaco nos *scripts*. Por exemplo: quando teve os especiais infantis, que foi o pico dessa criação, ele estava sem ideia pro título de um dos programas. Aí eu lembrei duma música que chama *Plink, Plank, Plunk*²², que era uma música lindíssima toda feita em pizzicato. E a nave teria esse barulho de pizzicato. Plic, plec, plac. Aí o Augusto disse assim, rindo: “Stil, você está ficando velho. Essa música é de 1930, 1920. Mas o nome do show vai ser ‘Pluft, Plact, Zuum!’”²³. E assim nasceu um nome que ficou marcado durante vários anos como um especial. De uma ideia boba, velha, o Augusto transformou em vida! Deu vida. Essa pessoa extraordinária faz muita falta. Pessoas extraordinárias como ele.

REFERÊNCIAS

MORENO, A. *A experiência brasileira no cinema de animação*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1978.

STIL. *As máquinas mágicas do desenho animado*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

Sobre os autores

Gabriel Cruz: membro fundador do Seminário Brasileiro de Estudos em Animação (SEANIMA), Doutor em Design, Professor Adjunto do Departamento de Cinema e Vídeo e Pesquisador colaborador do Programa de pós-graduação em Cinema (PPGCINE) da Universidade Federal Fluminense.

Luiz Felipe Vasques: mestre pelo Programa de pós-graduação em Mídias Criativas pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ).

Carlos Eugênio Baptista (Patati) – * 1960 †2018: mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, roteirista, quadrinista e pesquisador de quadrinhos.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** nenhuma.

Contribuição dos autores: Cruz, G.: Entrevista, Gravação, filmagem, primeira redação, supervisão. Vasques, L. F.: Entrevista, validação dos dados, transcrição. Baptista, C.: Entrevista.

22 Música instrumental de 1951, do compositor norte-americano Leroy Anderson (1908-1975).

23 *Plunct, Plact, Zuum* (1983): musical infantil da Rede Globo de Televisão.

